

MULHERES N' A PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO: ÁRVORES NOS BONSAI¹

Olímpia Ribeiro de Santana²

A visão política de Portugal, no século XVI, fundamentava-se numa concepção de um mundo qualitativamente melhor, incentivada pela prometeica conquista da realidade terrena e por toda uma valoração que ia desde o superindividualismo ao absoluto prazer de viver. Nessa configuração histórica do português, o mar veio a ter um papel categórico. O grande oceano foi, assim, não só o motor que deu os mundos ao Mundo, mas, também, o espaço trágico em que pedaços do corpo nacional alimentaram o seu ventre, numa ambígua duplicidade marítima, em lógica de vida ou morte.

O mar realizou, no seu corpo possuído de portugalidade, a transcendência cognoscitiva e surpreendente do passado e serviu de cemitério maior para os portugueses.

A expansão marítima foi uma empresa de proporções incalculáveis para os portugueses que, como iniciadores dos descobrimentos, tiveram um grande papel nessa época e, malgrado toda ignorância desse tempo, regozijavam-se deste feito único.

A façanha dos Descobrimentos deu origem a um novo gênero de discurso: os relatos de viagens. Esse campo discursivo foi considerado uma escrita quase primeira: os relatos foram elaborados concomitantemente com cartas, enviadas pelos navegantes e que tinham o objetivo de manter informados os que governavam o País. Nessa época, ainda eram bastante raras as obras que tinham como objetivo principal utilizar a palavra como meio e fim, mas a liberdade de imaginação já era algo mais preciso.

Uma parte significativa dos relatos elaborados pelos viajantes não tinha objetivos literários, mas constituiu-se em fonte de pesquisa de grande valor historiográfico e passou a ser um subsídio importante em vários âmbitos. Apesar disso, a pluralidade de conhecimentos e o caráter interdisciplinar desses relatos fizeram que o reconhecimento do subgênero Literatura de Viagens fosse tardio.

O conhecimento desse gênero, contudo, só se concretizou quando o entendimento do conceito de literatura — como fenômeno cultural e não natural — tornou-se mais amplo no século XX, reconquistando, após o seu estreitamento no século XIX, uma parte do espaço perdido. Essa nova forma de pensar a literatura faz com que os relatos de viagens sejam reabilitados e tenham o reconhecimento do seu valor literário. A crítica passa a reconhecer nesses textos alguns elementos essenciais à comunicação literária, entre estes a tradição e recepção especializada do público, visto que o discurso das narrativas de viagens surpreende pelo seu poder comunicativo.

Não é só a presença desse elemento, no entanto, que vai reabilitar essas narrativas: geralmente seu discurso se constrói sobre a modalidade autobiográfica — em que a experiência pessoal de quem viajou garante veracidade ao que é relatado, privilegiando sempre o sentido da visão. A forma de olhar, todavia, variava de acordo com os grupos sócio-culturais e os objetivos por eles perseguidos. Assim, muitos desses discursos, já no século XX, passaram a ser considerados “literários”, porque, além de rivalizarem com a descrição de acontecimentos, tratava-se de discurso autoral, o qual organizava o conjunto de imagens percebidas do exterior-‘real’.

As manifestações de simpatia ou de tolerância para com os povos descobertos são sistematicamente anuladas e restringidas, quer por interesses coloniais, quer por motivações religiosas, resultando daí uma ambigüidade ideológica — intolerância a novas realidades, intolerância religiosa — proveniente de uma visão de mundo unicamente cristã, aliada a um espírito

¹ Parte da tese de doutorado em Letras (Universidade Federal da Bahia) elaborada sob orientação do Professor Dr. Francisco Ferreira de Lima.

² Professora doutora do Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador (UCSal) moc@svn.com.br.

de descoberta e de curiosidade que estava voltado para o caráter eminentemente utilitário e comercial, em que o sonho de enriquecimento afigurava-se como uma possibilidade concreta.

Outro dado importante que veio a fortalecer a idéia de Literatura de Viagens com ênfase no estatuto da literariedade é que, apesar de os autores se ocuparem da viagem, era na Antiguidade greco-latina que procuravam o princípio do caminho, visto que encontravam na *Odisséia* a sua mais prestigiada referência.

O que deu vida à Literatura de Viagens foi a cultura da época. As descrições das coisas maravilhosas e curiosas, os relatos de aventuras e do desvendamento do desconhecido eram do agrado do homem renascentista.

Por outro lado, os portugueses tinham necessidade de construir uma memória coletiva de identificação. Essa memória iria justificar o seu presente, e fazê-los reencontrar a sua própria estirpe. As barreiras morais foram sendo vencidas por complicadas argumentações contra o desconhecimento da fé cristã por parte de muitos povos.

Assim, o Humanismo e o Renascimento, que assinalaram a passagem da visão teocêntrica à antropocêntrica, atestam uma maturidade europeia do ponto de vista social, religioso e científico. A conquista do paraíso de Adão e Eva, cultivada na Idade Média, dá lugar à conquista da cidade terrestre.

É sobre esse mundo, anestesiado pelas imagens da origem, que se tenta fazer uma incursão para elaborar a configuração do feminino. Tomarei como *corpus* para o desenvolvimento deste trabalho o texto de *A peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

Para levar a termo o exame desta narrativa de viagens, num momento em que se questiona a destruição dos paradigmas estético-historicistas e em que conceitos como marginalidade, alteridade e diferença marcam a cena das discussões teóricas – especialmente pelos trabalhos dos pós-estruturalistas como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Barthes e dos trabalhos de Edward Said, Francis Affergan, Georges Bataille, entre outros – aqui serão adotadas algumas concepções que se insurgem contra a idéia de fundamento e rompem com o princípio do universalismo e da semelhança, substituindo-o pelo elemento diferencial.

Desse modo, mostrarei que o discurso de Fernão Mendes Pinto em *A Peregrinação* descreve a mulher a partir de determinados estereótipos. Este discurso é utilizado como forma de garantia de alguns processos relativos à continuidade, pois a ambivalência do estereótipo garante sua repetição em conjunturas históricas diferentes e estabelece imagens positivas e negativas. Para alguns estudiosos, o estereótipo é um modo ambivalente de conhecimento e poder, pois esta é uma forma de se tentar fazer valerem determinadas posições dogmáticas e moralistas para, de certa forma, poder-se exercer a opressão e a discriminação.

A vida da maioria das mulheres foi definida por meio do casamento e da maternidade. As que não se casavam tinham que permanecer virgens e, de forma alguma, poderiam escolher a maternidade fora da instituição do casamento. Assim, os papéis que as mulheres tinham que desempenhar eram muito escassos: filha, mãe, viúva, virgem, matrona e velha. Mas o amor materno é a origem e o ponto fundamental da criação do espaço familiar. A fim de se assegurar a permanência, no espaço fechado do lar, atribuiu-se ao sentimento materno um valor exagerado, partindo da abnegação e chegando até a vigilância total sobre os filhos.

Desse modo, vê-se que o papel da mãe fazia parte do projeto traçado pelo sistema de governo e pela Igreja Católica para a mulher, pois, enquanto mãe e esposa, ela tinha que ser o receptáculo das tradições culturais e das virtudes morais. É no interior dessa tensão, inscrita numa historicidade particular, que a mulher vai receber uma identidade específica.

Os preceitos dos pregadores e humanistas restringiam o feminino à casa, ao silêncio e à simplicidade; requeriam uma supressão total da vontade expressa, do corpo, da voz, dos ornamentos próprios à mulher.

Os estereótipos do feminino foram incorporados à natureza e os seus domínios foram identificados ao universal, consolidando-se como uma verdade inatingível. Do ponto de vista político, a caracterização do feminino surtia o efeito de discriminação, pois a sua repetição possuía uma significação bem-sucedida. A adoção e a fixação dessas características faziam com que a

mulher assumisse novos papéis na sociedade, distanciando-se, cada vez mais, da diferença e formando um bloco homogêneo.

Assim, a construção de determinadas categorias que pudessem fortalecer a imagem do gênero feminino como bom, honrado e caridoso foi um dos motivos imprescindíveis para dar continuidade à semelhança e privilegiar a origem. A visão da perfeição consistia em imitar, na terra, a ordem eterna. O feminino, mais do que o masculino, insere-se na visão de mundo que legitima o universal em detrimento do individual. Mesmo sabendo-se que a cópia nunca é a imagem verdadeira, busca-se, pelos mecanismos de coerção – principalmente referentes à religião – desvalorizar a individualidade, atribuindo-se todo êxito à graça divina. As mulheres, impedidas de se expandirem na sua plenitude, na sua personalidade, logo, ao nascerem, recebiam o mesmo destino das árvores nos bonsai. Perfeitas em sua constituição, mas atrofiadas em sua forma de ser e de viver.

As cenas narradas em *A Peregrinação* reconstituem o conjunto de regras que encerram as mulheres num domínio coletivo, circunscrevendo, severamente, os seus papéis. Assim, aponto que o feminino está confinado à concepção que vigorava na época, subordinado à força do masculino, vivendo e convivendo, no mundo, como se mulheres fossem árvores nos bonsai.

Para levar a termo a análise do feminino no texto *A peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, inicialmente procede-se a um levantamento das inferências conforme o ponto de vista deste autor a respeito do feminino, buscando ler o idiossincrático, para posteriormente fundamentar o material pesquisado com os discursos teóricos da teoria da literatura e da análise do discurso, confrontando-os, a fim de poder elaborar um *corpus* significativo.

REFERÊNCIAS

AFFERGAN, Francis. **Exotisme et Alterité**. Paris: PUF. 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. A Vontade do Saber. Rio de Janeiro: Relógio D'Água Editor, 1979.

_____. **História da Sexualidade**. O Uso dos Prazeres. Lisboa: Gallimard. 1994.

PINTO, Fernão Mendes de. **A Peregrinação**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. (Por Adolfo Casais Monteiro) 1988.

SAID, Edward. W. **Orientalismo**: O Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras. 1990.